



Gaiato

21 DE DEZEMBRO DE 1974

Ano XXXI — N.º 803 — Preço 2

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

AREIAS do CAVACO

Por: P.e Manuel António

Os nossos mais pequeninos — os «Batatinhas», como todo o mundo os conhece — foram, agora, dormir a sesta. De manhã têm escola. No fim do almoço, vêm ter comigo e acompanho-os às suas camas. É uma hora deliciosa para eles e, para mim, um regalo vê-los como anjos de paz.

Regresso à minha secretária de trabalho para redigir estas notas. Aqueles anjos não podem falar aos homens de Angola. Falo em nome deles e peço a paz. Eles querem continuar a ter pão; a ter cama para dormir; a ter escola; a ter casa; a crescer como toda a criança tem direito, num lar onde haja carinho.

Mas isto só é possível se houver paz. E só haverá paz se houver justiça. Por isso, eles pedem justiça.

Continuo a falar em nome deles; em nome de todas as crianças que não têm pão. Lembro a multidão delas que encontro nos nossos bairros suburbanos quando vou a casa delas. E é possível! É possível! Basta que os homens queiram e passem à acção. Bem sei que é difícil. A conversão de uma mentalidade egoísta, para quem os interesses próprios são a única realidade que conta, é tarefa dura e dolorosa. Trocar um coração metalizado por um coração de carne, sensível, aberto ao bem-comum, é uma operação dolorosa e cara. Custa o desapego daquilo que se tem a mais. Custa renúncia àquilo que seria legítimo, embora não essencial, enquanto a maioria o não tiver.

Esta conversão é indispensável para a construção da paz. Sem ela não a teremos.

A todos os amigos comprometidos nesta tarefa conosco, pela ajuda generosa que nos vão dando, o nosso bem-hajam.

Afirmações escritas e orais, divulgadas pelos diversos meios de comunicação social, acusam a Igreja de estar sempre ao lado dos ricos, de ter desprezado os pobres. É tão fácil generalizar acusações...!

Como padre, da Igreja de Cristo, sempre sentimos e afirmamos, com a totalidade da nossa vocação e da nossa vida, que os Pobres deviam ser a menina dos Seus olhos. Eles, os caídos, os oprimidos, os sem-voz, os pecadores. A eles se deve consagrar as melhores energias da Igreja. E só na medida em que elas forem canalizadas para este sector da Humanidade, Ela aparecerá aos olhos do Povo como sinal de libertação. Libertação da pessoa humana na sua totalidade natural e sobrenatural. A graça redentora em Cristo Salvador só pode ser palpada através de sinais, concretos e visíveis, de vida. Ele fez-Se homem. Pobre. Oprimido. Libertador. Na medida em que a Igreja for pobre com os Pobres, oprimida com os Oprimidos, será libertadora.

Em Pai Américo a Igreja encontrou um expoente da Sua riqueza. Nós somos testemunhas vivas. Nele encontramos a prova evidente da força da fé. Quantos milhares de homens pusemos em caminho de libertação? Alguns milhares ao longo da história maravilhosa desta Obra!

Setúbal

Os filhos da prostituição, do abandono, da doença, da morte e da miséria humana. Com que meios? — A nossa entrega incondicional e absoluta e das senhoras que conosco se deram e dos rapazes casados e colaboradores que partilham da nossa pobreza, numa vida sóbria, recebendo o indispensável a um nível digno; as dádivas da Igreja anónima e viva que conosco partilha a tarefa apaixonante de libertar os Oprimidos; e a colaboração dos próprios rapazes que, recebendo a Obra

como sua, trabalham, servem e libertam, libertando.

O Zé Manel veio há dias. Tem seis anos. É filho de uma doente mental e de um doente conhecido. Sua mãe tem mais seis filhos e vésperas de outro. Está junta com um homem também diminuído, que deu o nome ao pequenito, mas que, sabendo não ser seu progenitor, o espantava na espelunca onde vive. A mãe deste, em lugar de a conhecer, a origem da criança

Cont. na QUARTA página

E o Verbo incarnou...

«Enquanto o silêncio era senhor de tua vida — ia a noite em meio do seu curso — a Tua Palavra omnipotente, Senhor, veio dos Céus, do Seu trono real.»

(Sab. 18, 14-15)

A Palavra e o silêncio... casam tão bem! A Palavra que vem e Se diz... e o silêncio activo de quem escuta.

O tumulto impede. Se interior ao homem, afoga a Palavra. E embora omnipotente que Ela é, deixa-Se afogar. Ó mistério do Amor, do amor que nasce do «Coração manso e humilde»!

Quem fala pra'í em Liberdade?! Quem sabe o que é a Liberdade, se A não aprende da Palavra que vem para dizer-Se e Se não diz e Se deixa afogar no coração do homem que A não quer, ensurdecido pela vozearia do orgulho?!

A Palavra e o silêncio...! O silêncio e a noite...!

«O Verbo é a Luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Está no mundo; e o mundo foi feito por Ele; e o mundo ainda O não reconheceu.»

A Luz resplandece na noite. Ao contrário das luzes, vem pela melhor de olhos fechados. No silêncio profundo que o mel da noite gera é que se ouve bem. Quando os olhos não sofrem a distração que as luzes propiciam é que se vê a Luz.

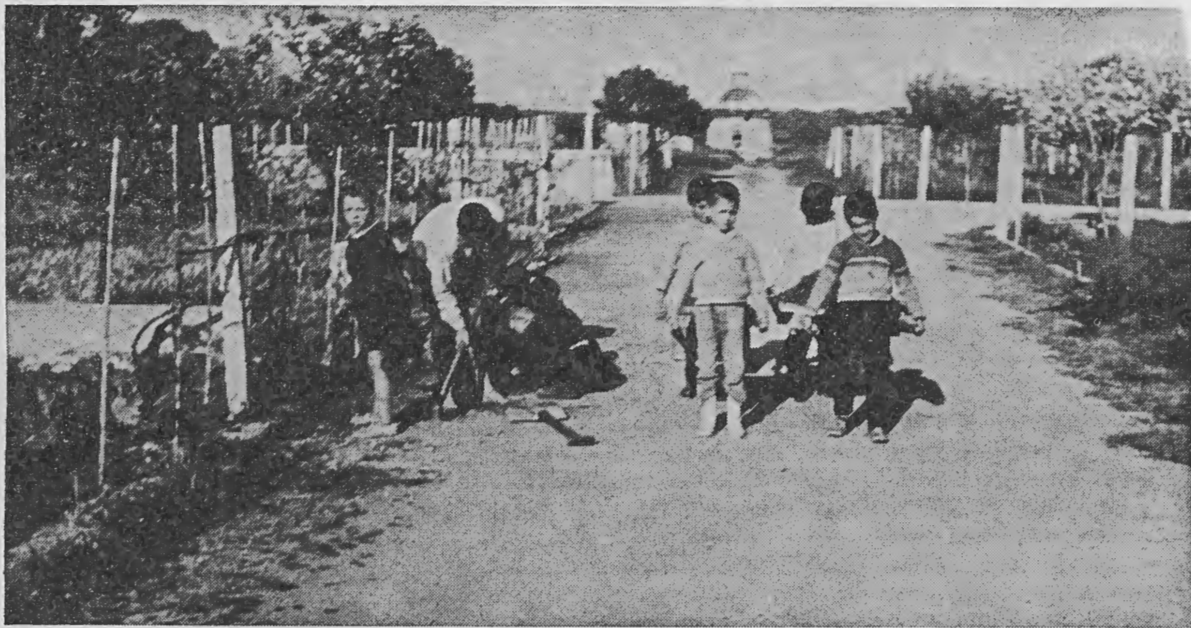
Tantas luzes que os homens fabricam! De olhos tão abertos para elas que procuram andar! Tantos mestres que inventam; tantos guias que seguem... — e «Um só é Mestre e Senhor»! «Só Ele tem palavras de vida eterna. Só Ele, a Palavra, é a resposta aos infinitos anseios do coração humano que, «a não ser nEle, jamais encontrará repouso».

E os homens multiplicam os movimentos, amplificam o alarido, acendem novas luzes... e encontram cada vez mais inquietação. Quando descobrem que «no regresso a Nazaré» está a verdadeira pista «do progresso social cristão»? A Nazaré, silêncio

Continua na TERCEIRA página

Aqui, Lisboa!

Um grupo do Tojal, ocupado no arranjo e limpeza da avenida. Amor ao trabalho — alegre, descontraído, ao ar livre — que a preguiça é a mãe de todos os vícios...



PELAS CASAS DO CALVÁRIO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

NATAL — Vem aí o Natal! Festa da Família. A Libertação dos Pobres!

Os meios de comunicação social costumam revelar imagens e reportagens de bodos e bodozinhos e outros espectáculos vergonhosos (é o termo) que, em vez de promover, achincalham delicadamente a dignidade dos Pobres. Imagens que poderiam ser banidas completamente. Com mais razão se promovidas por gente que se diz cristã ou à sombra da Igreja...

O Natal é a Festa da Família. A Libertação dos Pobres.

Vamos preparar, para cada um dos nossos, uma consoadá recheada, inclusivé para aquela família jovem de que falámos em número transacto.

Não será visita ou consoadá episdica, em cada um dos lares. É uma presença regular, mais recheada, na qual compartilhamos intimamente, longe das trombetas do mundo, a Mensagem de Nazaré, que não recomenda pôr os Pobres em bicha e de mão estendida, na via pública ou em salas de espectáculo — para beneméritos verem e gozarem de palanque...!

Enfim, somos ainda pobres recoiveiros ou intermediários de muitos homens de boa vontade, que desejariam — como nós — a partilha material (não a espiritual) fosse dispensada. Seria, então, o Reino de Cristo, a Justiça Social...

Um santo Natal e Ano Novo para todos os nossos Amigos.

DONATIVOS — Na última quinzena alertámos os nossos Leitores porque só receberamos três donativos. Hoje temos mais alguns — graças a Deus.

Aí vão:

Um amigo de D. António Barroso com migalha e amizade. É do Porto. Mais Porto:

«Na passagem do nosso aniversário de casamento (e como já há muitos anos vimos fazendo) com muita satisfação e algumas renúncias enviamos... mais 50\$00 para os Pobres da Conferência.

Desculpem ser pouco, mas acreditam que é dado com o coração e os olhos postos no retrato do nosso querido Pai Américo.

Cumprimenta-os

Zé Ninguém»

Mais 1.310\$00 que o sr. João — há pouco falecido — deixou em nosso poder e a família destinou para os Pobres.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Mais 100\$00 de um Anónimo de Palhaça. O mesmo, em cheque, também do Porto, «destinado a auxiliar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e assim poder sufragar a alma dos meus familiares».

Mais 50\$00 de Silvalde e uma carta que é um monumento de compreensão e amizade! O mesmo de Vila de Rei, pedindo orações por todos os portugueses. Outra migalha a jorrar sangue de mártires. É de Terres Vedras. Mais 100\$00 de Fundão e, «slogo que vá ao Norte, espero ter o prazer de os abraçar». Obrigado. Metade, da Rua de S. João da Mata, Lisboa, recomendando orações «para sete pessoas amigas». Mais Porto! É «Uma portuense qualquer»:

«Em sufrágio da alma de minha mãe, que Deus chamou há pouco, junto 150\$00 para a vossa Conferência Vicentina — em benefício dos Irmãos que vai socorrendo.»

O Porto abriu, o Porto fecha. Aí vão 50\$00 da rua Monte dos Burgos «para o arranjo da casa em que está a ser feito um quarto — de acordo com «O Gaiato» de 31 de Agosto. Aceitem esta oferta por alma de minha mãe».

Muito obrigado.

Júlio Mendes

malanje

TARDE DE DOMINGO — Desta vez uma tarde de domingo.

Enquanto os grandes, depois do almoço, conversam na varanda, outros vão para as camaratas descansar e os mais pequenos para a lagoa ou jogar a bola.

Toca o sino e todos rodeiam a carrinha para verem o que lhes toca. Entretanto o piquete diz:

— Subam os do filme.

Têm que estar limpos e arranjados senão não os deixa subir.

Em seguida:

— Subam os grandes.

Depois:

— Rabelais, hoje há futebol na cidade?

Se sim, mais a subir.

Por fim ficam os mais pequenitos que não têm para onde ir e ficam os grandes que são faxinas ou quiseram ficar. Depois, cada um para seu lado — quase todos para a brincadeira.

Neste domingo choveu.

O André foi para a varanda com o gira-discos, depois da saída para a cidade e pôs alguns merengues a rodar. Muitos os que dançaram, mas só o Barrabás e o João Pequeno se sobressaíram como exemplos típicos de música angolana.

Fo:a, nos terreiros junto ao cruzeiro, alguns jogavam a bola. A alegria era tanta que se esqueciam que se estavam a molhar.

Outros, perto dos galinheiros, patinavam na lama e alguns construíam seus pombais. Todos se esqueciam que chovia.

À noitinha foram alguns mudar de roupa, vestindo a de semana.

Os recreios de agora são passados a fazer pombais e hortas.

Para os pombais vão pedindo umas pombas e fazendo criação.

Nas hortas vão semeando legumes e frutas que quando prontas a ser colhidas, são por vezes oferecidas para uma refeição colectiva.

O «Pirata» e outro foram à pesca e à noite o sr. Pe. Telmo disse-me:

— Dois quase pescaram peixe para todos. No próximo domingo, um concurso de pesca e os noventa comereiros tilápias fritas.

OFICINAS — A nossa oficina de serralharia já funciona. Já cá se fizeram umas grades para os esgotos da casa-mãe, portões para os porcos e bancos para o refeitório.

Como mestres, temos o Júlio e o Adão que veio de Benguela para a montagem das máquinas e para ajudar a começar. Vamos começar agora a trabalhar em grande. Já são duas oficinas: serralharia e carpintaria.

Dentro em breve anunciarei a abertura da tipografia.

CAMAS — Precisamos de, para o Natal, ter a nossa casa 3 mais bonita e arranjada mas, para isso, necessitamos que alguém nos ajude com alguma coisa para comprar o tecido para fazer cobertas. As cobertas da casa 3 têm pelo menos 7 anos. Estão quase a desfazer-se.

São quarenta camas o que dá um mínimo de oito mil escudos. Isto dividido por muitos não é nada. Por isso vos pedimos.

O feitiço não se paga, pois temos cá a D. Emília, D. Herondina e a Lena que nos farão com certeza o jeito.

Quim

Paço de Sousa

DOENTES — Ainda referente à gripe que dias atrás comentei no jornal e sobre o enchimento do nosso hospital, tenho a dizer agora que a situação já melhorou. Simplesmente o «Gágá» é o único que se encontra de cama com outra espécie de doença. Oxalá que os já tratados se encontrem bem e que todo o tratamento feito sirva de vacina.

CONVÍVIO FRATERNAL — Foi precisamente no Domingo, dia 24 do mês passado, que recebemos a simpática convivência de jovens de ambos os sexos.

Ao meio dia houve Missa na nossa Capela, a que todos nós assistimos e colaborámos no canto coral.

Depois, seguiu-se o almoço de confraternização. Entre nós e eles houve bastante alegria e boa disposição. Houve aquela alegria de que tantas vezes precisamos para quebrar o nosso ritmo de viver silencioso.

Seguidamente veio a hora das canções, das prendas e de vários jogos. Deste modo reinou alegria entre nós e o nosso estado de espírito ficou diferente.

As horas iam passando sem darmos conta, mas, a certa altura, visitaram as oficinas já que o tempo não era propício para percorrermos a quinta, a mata, o cair das folhas. O tempo encontrava-se chuvoso, com um cinzento escuro pesado.

Mais tarde veio a hora da despedida, da tristeza: iam partir, iam dizer-nos adeus...

Não esqueceremos tão depressa esta tarde, esta alegria, o convívio fraterno.

A todos os jovens de Cucujães enviamos um muito obrigado.

NATAL — Vem aí o Natal, vem aí a festa das crianças; é o tempo dos presentes.

Neste dia queremos o reencontro da nossa Família. Queremos que os nossos irmãos, que ao longo do ano se foram embora, venham até junto de nós.

Aqui há saudades para matar e prosperidades a desejar.

Então venham, venham todos!...

Manuel Amândio

Calvário

OCUPAÇÕES — Quando escrevo estas notas está uma noite de muita chuva e vento que fusigam ruidosamente as carvalhas situadas em redor da «Casa Graças a Deus», aonde estão comigo alguns Irmãos doentes. Não sei se acordados; pelos vistos já dormem embalados pelo temporal. De manhã nem querem prestar atenção a um despertador para estarem prontos a fim de iniciarem mais um dia igual a tantos outros, faça chuva ou sol. A preocupação de chegarem a tempo, de arrumarem, o melhor que lhes é possível, os quartos de cada um e ajudarem a lavar outros, acamados. E que precisam de limpeza várias vezes ao dia. Isto é ocupação necessária para na hora do café estar tudo em ordem. Por via desta preocupação já têm acontecido casos de certo modo humorísticos. Embora saibamos que é com esforço, bastante grande, que estas pessoas se ocupam procurando ensinamento no ditado: «Faz aos outros o que tu queres que te façam...» — É o respeito de que assim será um dia, mais ou menos perto, que os leva a tal proceder. As vezes... felizmente, nem sempre. Porque já tenho visto o entusiasmo de uns tantos neste ou naquele serviço e, quando o tempo não é propício, até as noites são mal dormidas, como me dizia um deles: «Ando com uma dor no braço direito. Mas, ocupado, até parece que não me doi! Ontem, por es'ar a chover, quase nada fiz... pois olhe que passei a noite muito pior do que quando ocupo o dia a fazer qualquer coisa!»

Ora aqui está. Se este meio fosse só para acomodar deficientes ou carecidos de sustento e habitação... o que seria se não houvesse pequenos trabalhos... ocupações?!

PAZ NA TERRA — É o que os homens procuram, à maneira dos interesses de cada um. Nesta quadra em que se fala de Natal, nós formulámos os melhores desejos de que todos os nossos Amigos e Comunidades da Obra da Rua tenham as orações bem disponíveis para Deus Se servir de todos para proclamar bem alto, aos crentes e descrentes, a verdadeira Mensagem que nos trouxe o Filho de Deus feito Homem: «Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade». Pois que isto nos dê alegria, pensando sobretudo que as Palavras daquele tempo são para todos os tempos. E Cristo continua a chamar pelos ho-

mens de boa vontade para a construção de um Mundo Novo, fundado na Verdade e na Caridade. Se assim não acontecer será vão o clamor: «Paz na Terra...»

Santa e Fraterna Quadra de Natal e o Ano de 1975 cheio de bênçãos, vos deseja, em nome dos Irmãos do Calvário, o

Manuel Simões

miranda do corvo

LAVOURA — Começámos com a epanha da azeitona. O nosso grupo dos mais pequenos já apanhou um moínho dela, só do que tem caído com o vento. Agora ouvem-se as varas a bater nas oliveiras do nosso largo interior. Esta será para conservar e ir-se comendo durante o ano, com a nossa borra. Dizem os amigos que são um bom petisco.

Pouco tem chovido este ano. Quem mais o tem sentido tem sido a erva que semeámos há mês e meio e só agora está a nascer.

As couves tronchas este ano foram plantadas junto da nossa vinha, mas o lugar foi mal escolhido, pois quem as tem colhido têm sido os coelhos bravos que por lá abundam; vamos a ver se nos deixam algumas para a nossa consoadá.

GADO — Neste sector há poucas novidades. Apenas nas capreiras é que se verificou um certo movimento. Cortou-se o pescoço a cerca de uma centena de galinhas poedeiras que já estavam cansadas de nos proporcionar boas e fartas refeições de ovos. Para as substituir estão já crescidas cerca de duzentas frangas novas.

Do aviário de Santa Cita, de Tomar, mandaram-nos quinhentos pintos de carne. É uma farturinha!

Lita



O Manuel Leitão (ex-«Cabanas pequeno») e esposa, no dia do casamento em fins de Julho.

Quinze contos de Paço de Arcos, a repartir em partes iguais, por esta Casa, Calvário e Património dos Pobres. «Cumprindo a promessa que a minha gratidão não esquece», 100\$ e 160\$, por duas vezes. Da Praça dos Álamos, 1.650\$. De três irmãozinhos muito amigos, 120\$ retirados do seu mealheiro e enviados com muito carinho. Da Conferência Vicentina do Senhor do Socorro, 740\$. Águas Santas com 1.000\$. A presença da «Mãe que crê em Deus». Os mil escudos mensais, da Rua António Cardoso. E o Porto com 500\$, «um pouquinho do meu aumento».

Os habituais 100\$ em selos de correio, que todos os meses nos chegam da Amadora. 50\$ do Porto. M. L. Guimarães, com 50\$ mais 20\$, de promessa feita ao Santo Padre Cruz. Vestuário das Caldas da Rainha. Mais roupas de malha, da Messe dos Oficiais de Lisboa. Anónima das Fontainhas com 150\$. «Portuense qualquer», com 500\$ por duas vezes. Clara e José Flores, presentes. Mais 100\$ da venda de papel velho, da nossa assinante da Rua D. João IV. Anónima do Bairro Fernão Magalhães, com 100\$. Por alma de José Brito Martins Fonseca, 250\$. Uma tia agradecida, com 50\$. Por alma de António Pereira, 500\$. Maria Rosa, com 24 pares de peúgas. Eram destinadas ao Calvário, mas ficaram cá, por maior necessidade delas. 694\$10, ofertas depositadas junto à estátua de Pai Américo, existente no Jardim da Praça da República e reco-

Do que nós necessitamos

lhidas pelos jardineiros municipais que ali trabalham.

Calçado e roupa, amorosamente arranjada, de «Uma Mãe Alentejana». Mais roupa magnífica, de Minde. Ass. 8492, com 500\$. Do menino Joaquim António, 150\$. Pedrinho com 500\$. E dez contos em cumprimento da doação que ao Seminário Maior do Porto fizeram Maria das Dores Maciel e Albina das Dores Maciel. Em acção de graças pelo regresso do filho que esteve em Angola, 1.000\$, dum casal anónimo. 500\$, chegados por intermédio do nosso amigo maestro Miguel de Oliveira. «Obra de Deus, para os Pobres», com 50\$. Assinante com 100\$. E tudo que ao Espelho da Moda a vossa bondade lá vai depositar.

Da Amadora, roupas e calçado, tudo muito arranjadinho! De Lisboa, 3 cheques no valor de 1.000\$. Mais outro, de 9 mil, também de Lisboa. «Do meu modesto ordenado, vai uma lembrança para vós». Foram 600\$. Avó de Coimbra, com 20\$ e 50\$. Anónima amiga com 45\$. Mais um cheque de mil escudos, do Porto, para as necessidades mais prementes. Um recado aos Avós de Sintra, informando que sim. Podem mandar, pois tudo nos serve. Da Mealhada, uma cartinha amiga dum nossa assi-

nante e 100\$. Um capote de oficial do Exército, vindo de Abrigada.

Também nós temos sido lembrados ultimamente, com frequência, no recebimento da totalidade ou parte dela, do produto do Dia de Trabalho Nacional, há pouco realizado.

«Junto segue um vale de 1.500\$, referente ao meu aumento de vencimento, bem como ao meu dia de trabalho nacional. Já que trabalhei ao domingo, dia do Senhor, que esse provento seja para Ele. E onde poderá estar mais perto d'Ele, se não na Obra do saudoso Padre Américo?!» Veio de Olhão. Dum casal de S. Mamede de Infesta, 500\$. De dois funcionários dos CTT do Por-

to, 100\$. Dum Jaime amigo de Jesus, 100\$. De Leiria, 200\$. Da Rua de Santa Catarina, 300\$. Da Comissão de Delegados Sindicais do Banco Espírito Santo — Norte, 1.279\$80.

Mais de Grace Portuguesa, 2.793\$80. Fermelã com 500\$. De Leiria, 158\$80. Dum ex-gaiato, também do seu trabalho desse domingo célebre, 101\$30. De Torres Vedras, 393\$30. Alguns empregados do B. N. U. do Porto, com 570\$. Mais 700\$ de Lisboa. F. Reis com 220\$. Outra vez Leiria, com 333\$40. De Vila do Conde, 330\$. Do Porto, 100\$. E 325\$ de Lisboa. Mais várias importâncias do Porto: 373\$; 70\$; 326\$40; 270\$; 136\$80; 250\$ e entregue no Lar do Porto, 300\$00.

Dum grupo de motoristas da

Shell Portuguesa, de Matosinhos, 2.800\$. Faro com 250\$. Moreira de Cónegos com 2.360\$. Um grupo de amigos das Encomendas Postais — Porto, com 1.060\$. E 630\$ de Leiria. Mais 300\$ de Lisboa. Ass. 16.596, com 122\$40. Santo Tirso com 480\$. Ass. 4514 com 250\$ e dum colega 150\$. Duma firma de construção civil, da Rua do Bonjardim, 2.372\$50. De Matosinhos, 980\$. Elvas com 101\$30. Ass. 21408, com 500\$. De Gaia, 219\$. Da Lufima, 333\$40. Ass. 3384, com 100\$. Ass. 30665, com 250\$.

Mais de Lisboa, 187\$60; 250\$; 107\$ e 300\$. De Ribeirão, 525\$. De alguns empregados bancários, por intermédio do seu Sindicato, 415\$50. E de Abbott Laboratórios, L.da, a importância de 750\$ e esta legenda: «Por um Portugal melhor, onde as crianças, homens de amanhã, saibam rir».

E para todos a nossa gratidão pela lembrança para com a Obra da Rua e suas modalidades assistenciais.

Manuel Pinto

Principiámos a expedição do «DOUTRINA»

Cumprimos!

Exactamente na hora em que seguia para o correio o último número de «O GAIATO», principiámos a expedição do «DOUTRINA».

O livro está na rua. Melhor, em casa e sob os olhos do corpo e da alma dos Assinantes da Editorial da Casa do Gaiato.

Evidentemente, é impossível, nesta altura, transcrever ressonâncias de Leitores. Em nossas mãos temos só um bom punhado de requisições antecipadas. Esperamos muitas delas por intermédio dos postais R S F. Requisições que são depoimentos ou testemunhos que permitam uma análise, generalizada, da ansia incontida dos Assinantes — da Editorial e do próprio «O GAIATO» — pela publicação integral do riquíssimo espólio literário de Pai Américo, cuja actualidade o tempo não corroi, porque baseado na Boa Nova. Marco luminoso para todos os homens de boa vontade, em sentido ecuménico, debruçados na problemática social e espiritual do nosso País e do mundo — o Terceiro-mundo, que jaz em todos os países.

«Não vai ler um romance social, nem ver feiras de pantominas, mas sim a realidade do Evangelho do Pobre, a curar as feridas da pobre Humanidade, que este é o melhor testemunho de Cristo.»

Eis a síntese programática — do pensamento e acção — de Pai Américo, da Obra da Rua. Ontem, como hoje e amanhã, na defesa e promoção intransigente dos Pobres e Oprimidos — «o melhor testemunho de Cristo».

Se o Leitor estiver indeciso, a protelar a remessa do postal R S F, não perca tempo. Preencha-o devidamente, como

aconselhamos. E deposite-o no primeiro marco do correio. É resposta sem franquia... Está tudo dito. E o livro será entregue pelo carteiro, oportunamente, acondicionado pelo Elísio, «Peixeira», Sabino & C.ª

Entretanto, todos aqueles que já são expressamente Assinantes da nossa Editorial esperem, com paciência, a sua vez — que os próprios Correios estão sobrecarregados... Não preci-

samos, como é óbvio, de utilizar o referido postal R S F, a não ser para requisitar quaisquer outros volumes de Pai Américo, em falta nas vossas bibliotecas.

O «DOUTRINA» está em vossas mãos ou à vossa ordem. É a nossa prenda de Natal! Com um abraço de todos nós.

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

O «Cadete»



Sou natural de Aldeia Nova onde nasci em 1959.

Somos dois irmãos, e já estamos na Casa do Gaiato há 2 anos e meio.

Meu pai bebia muito e quando chegava a casa batia na minha mãe. Por esta altura tinha eu dez anos e assistia sempre às cenas do meu pai, o que me entristecia muito ao ver a minha mãe a chorar.

Como ela já não suportava mais, safu de casa e dirigiu-se à minha avó, pedindo-lhe ajuda.

Minha mãe foi várias vezes ao Tribunal fazer queixa do meu pai e então lá se realizou a separação.

Com isto fiquei dois anos com meu pai, e foi por este tempo que lhe veio a morte.

Agora, só tenho a minha mãe mais as minhas avós e de quando em vez cá recebo uma cartinha a perguntarem-me como estou.

Hoje vivo junto de meu irmão e de todos estes rapazes meus amigos.

Quando vim para Paço de Sousa, o meu primeiro serviço foi a lenha. Depois passei a tratar das nossas galinhas, onde estive cerca de dois anos. Agora já estou noutro serviço, que é na casa-mãe, onde trato da limpeza do refeitório dos mais pequeninos.

Fiz o Ciclo Preparatório TV este ano e espero seguir a arte de alfaiate.

Julgo que está tudo quanto queria dizer aos nossos Leitores sobre a minha vida.

Envio um abraço do meu irmão e também de todos os Rapazes de cá.

E aproveito para desejar as Boas-Festas a todas as pessoas que nos lerem.

Um abraço e até sempre.

António de Abreu Cartário Pinto («Cadete»)

E o Verbo incarnou...

Cont. da PRIMEIRA página

ciosa e apagada, onde Se acendeu «a Luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem a este mundo!»

Que contraste entre a inflação de palavras que há no mundo e a discreção da Palavra que veio ao mundo, que «veio para o que é Seu», e ainda não foi recebida por tantos que são Seus! Que espantosa diferença entre tanto clamor impetuoso que pretende impor-se em nome da Liberdade e a Liberdade do Verbo que, sendo onnipotente, aceita não ser recebido pelos Seus, no mundo que fez e é Seu!

«Porém, a todos que O receberem, a quantos acreditam no Seu Nome, deu Ele o poder de se tornarem filhos de Deus, filhos que não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, nem da vontade do homem, mas só de Deus nasceram.»

«No princípio era o Verbo... e tudo foi feito por Ele e sem

Ele nada se fez de quanto foi feito.»

Feito por Ele, o Homem nasceu com ansias de infinito. Viveu e viverá tenso pelo Infinito. Mas só depois que o «Verbo incarnou e veio habitar entre nós», se nos tornou possível o gosto incipiente do Infinito na «visão da Sua glória, glória do Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.»

Neste Natal histórico de 1974, menos ruído, menos luzes, para nos não distrairmos de Jesus Cristo, o Verbo que veio e está no meio de nós, Luz para iluminar o Caminho da Justiça, do Amor, da Paz.



1 Aquele domingo, como outros, foi um dia cheio. De manhã à noite.

É uma viúva idosa que bate à porta, com documentos na mão, e que motivámos, com simplicidade, a requerer direitos inalienáveis — previstos na lei.

É mais outra que andou por lá, de um lado para o outro, e como não foi atendida como desejava, aborda o recoveiro dos Pobres para que reclame oficialmente uma solução integral do seu problema ou um esclarecimento da omissão de que foi vítima ou, porque não?, um mea culpa pelo lapso — natural, seja onde for — como compete a qualquer serviço público, ao serviço do Povo, financiado pelo Povo, neste caso pelos Trabalhadores.

2 É um vicentino que topamos no caminho e fora dar a mão a mais dois auto-construtores — de oito que esperam ansiosamente o valor da telha de suas moradias, que são monumentos de heroicidade — pelos quais esperamos distribuir, até ao Natal, mais 20 contos, como acto de justiça, como testemunho de Jesus Nazareno, que nasceu para todos, sobretudo para eles — para os Pobres.

— Olha, o Zé, com 3 filhos, lubrificador de automóveis, já ergueu a casa. Está coberta, mas ainda sem pinturas. Deve 149 contos!...

Outro:

— O Adelino, empregado comercial, levantou as paredes. Cobriu a casa. Preparou o rés-do-chão, que já habita. E vai botando a mão ao primeiro andar — como pode... Deve 120 contos!...

Não é só a mão d'obra especializada e os materiais em espiral inflacionista — é o valor do terreno...

Tomámos nota. Conversámos os dois. E continuámos viagem, por montes e vales, em busca doutro que «tem sofrido as passas do Algarve».

Estava ele, a mulher, a filha

Notas da Quinzena

— toda a família. Era dia de festa. O baptizado da neta primogénita. Acabara o repasto e vinham pró beiral. Alegria: mais um cristão!

Botámos os olhos à obra. Falámos. Discutimos soluções. Até que veio ao de cima o problema da energia eléctrica:

O irmão preparou a instalação na moradia, com material que conseguiu por lá. Está

pronta. Aborda o vizinho. Combinam uma vaca. Mas ficaram desiludidos com o orçamento camarário: para trazerem a energia de uma distância de 40 metros pagariam os dois 8.000\$00, 3 postaletes e mais 1.300\$00 de baixadas!!

Que dizer de um caso deste género?! Se o Governo já pensa — e muito bem — uniformizar o preço da energia em todo o

País, para não haver cidadãos de 1.ª, 2.ª e 3.ª ordem, não poderia sair de lá de baixo, do Terreiro do Paço, um Serviço de Actuação Social que defenda os Pobres de tabelas oficiais, gizadas só para indivíduos com capacidade financeira? Aqueles 10 contos seriam património municipal...

Os meios rurais evoluiriam mais se as ditas tabelas fossem gizadas tendo em linha de conta o fomento, sim, mas sobretudo a promoção dos mais carecidos, ou seja, os casos particulares destes cidadãos preteridos e injustamente marginalizados.

— Com'ê q'a gente pode?! Diga lá?! Olhe que são 10 contos!... Os meus 5 dão pra muito petróleo...

Vimos a meditar pelo monte abaixo. Tristes! Entretanto, queríamos que os responsáveis ouvissem e decidissem pelo melhor — com humildade. E verificassem

como, aos mais carecidos, são coarctados os benefícios da electricidade (onde existe...) por exorbitâncias desta ordem. «Cinco contos dão pra muito petróleo»... E continuamos na cauda da Europa!

3 O dia já declinava. Encontrámos um jovem vicentino de Vila Pery, onde era funcionário público e, por motivos de saúde, não regressará.

É deficiente de uma perna. Casado e pai de dois filhos. Reside numa freguesia de Santo Tirso. E não arranja colocação! «Como vê, tenho de conseguir trabalho compatível com este defeito. Escritório, era melhor. Mas se não aparecer escritório, outro qualquer, desde que não me obriguem a andar. Além da minha doença — que me permite trabalhar — tenho de sustentar mulher e filhos. Quero dar aos meus filhos a formação que me for possível.»

Não haverá nenhuma empresa, em Santo Tirso, capaz de dar trabalho adequado a este recoveiro dos Pobres?

Júlio Mendes

TRIBUNA de COIMBRA

Fui ao Brasil levado pelo chamamento e amizade de alguns rapazes da Obra e de familiares meus e de nossos amigos e conterrâneos. Não foi viagem de turismo, mas procurei que fosse de encontro e descanso.

A partida foi de Lisboa, após o almoço, num jumbo dos TAP. O jumbo, com suas grandes e acolhedoras salas, é um transporte maravilhoso. Deixámos a costa de Portugal e daí a pouco sobrevoávamos as Canárias e depois Cabo Verde e logo a seguir Fernando Noronha e depois entrámos na costa do grande Brasil. O Brasil é uma floresta recortada por rios e lagos, dominando, em toda a extensão, a cidade de S. Salvador. Duas horas de costa marítima brasileira, o avião descia sobre o Rio de Janeiro, deixando ver a grande extensão dos 60 km da cidade. O aeroporto do Galeão, em obras para se tornar maior e melhor, fica na ilha do Governador, em frente ao Rio. No Galeão o meu grupo esperou sete horas por um avião que nos levasse a S. Paulo, onde chegámos às 2 horas da madrugada ao aeroporto de Congonhas.

Aqui esperava-me um grande grupo. A amizade venceu as longas horas de atraso. Estavam nossos José Teles e es-

posa e Manuel Teixeira, os meus irmãos e familiares, amigos conhecidos e desconhecidos. Foi um encontro de muita amizade.

S. Paulo é um mundo! Mundo de grandeza na construção, no movimento e no barulho. Os antigos bairros estão ligados ao centro da cidade. Domina o trabalho de grandes indústrias. S. Paulo, com seus dez milhões de habitantes, é o grande centro do Brasil. É habitada por 700 mil portugueses e fiquei com a impressão de que todos lutam por viver bem.

Fui descansar 12 dias à praia do Guarujá. Dizem que é a praia dos paulistas ricos. Fiquei em casa humilde, de familiar que estava a descansar em Portugal. Guarujá é de ricos e pobres. Encontrei uns e outros. A praia é extensa, limpa e mimosa. O mar parece sempre manso. A água chama por nós. Foram duas horas de água por dia.

Do lado oposto fica a cidade de Santos e depois S. Vicente. Santos é grande, plana e simétrica. Parece, em tudo, portuguesa. Ali encontrei conterrâneos da nossa Casa-mãe de Miranda do Corvo. Foram horas felizes de saudades e recordações. Foram abraços, beijos e lágrimas de amizade. Juntámo-nos numa igreja e celebrámos e recordámos os nossos mortos. Pai Américo, que por ali passou há 25 anos, também foi recordado.

De Santos a S. Paulo passava-se pelo industrial Cubatão e sobe-se a serra pela via Anchieta. Sinto na alma, mas não tenho jeito para dizer, a beleza que acompanha aquela via, via com dois sentidos de rodagem totalmente independentes.

Mais uns dias em S. Paulo, onde procurei ver favelas, casas de crianças e de doentes e regresssei ao Rio.

No Rio, os nossos Torres e Manuel Lopes, que me esperavam, levaram-me a ver o nosso Hélio e alguns dos conterrâneos da nossa Casa. Quiseram também mostrar-me a cidade e subimos ao Corcovado. Dizem que o Rio de Janeiro é a cidade mais linda do mundo. Eu não conheço o mundo, mas não sei como pode haver coisa mais maravilhosa.

E um grande avião da Varig trouxe-me a Lisboa.

Não sabe brincar. Não se associa aos outros «Batatinhas». Fomos há dias dar com ele a comer terra.

Quem se doeu com este caso? Os que acusam a Igreja?... É tão fácil lavar as mãos da sorte dos inocentes...! Pois foi a Igreja que no-lo trouxe.

De regresso do centro, de Leiria para cá, encontrei na estrada cinco grupos de prostitutas. Já tenho desabafado, aqui no «Famoso», a dor que sinto ao ver cenas tão desumanizantes. Agora há liberdade. Mas quem mostra dor concreta entre os homens? Que eu saiba, só a Igreja tem algo, de muito pequenino é certo!, como remédio libertador. Não sei de mais nada.

A Igreja é o Reino de Deus, mortificado pela contradição do pecado. É como a rede lançada ao mar, que apanha peixe, bons e maus. Ou como a seara, onde há trigo e joio. Mas nem vamos deitar todo o peixe fora, nem queimar a seara por inteiro.



Continuação da PRIMEIRA pág.

ga, não o admitia em casa quando os outros meios-irmãos comiam.

O Zé Manel é totalmente desprovido de hábitos humanos. Não sabe vestir-se. Não sabe estar à mesa. Não sabe lavar-se.



AQUI, LISBOA!

Amar todos os Homens independentemente de quaisquer discriminações, tem sido sempre a nossa grande preocupação. Nem podia ser outra a nossa atitude, já que Cristo morreu por todos. Mas se o Mestre, cujo nascimento nos preparamos para celebrar, escolheu viver pobre e manifestou um particular predilecção pelos Pobres, ninguém poderá levar a mal que o nosso coração, sem excluir ninguém, se abra dum modo especial para os mais desprotegidos ou olvidados, para os mais sofrendores ou angustiados. Em todos queremos ver a imagem de Cristo e a todos nos queremos sentir fraternalmente unidos.

Ansiando por estruturas humanas cada vez mais perfeitas, numa caminhada que antevemos sempre inacabada, não seguiremos outro Mestre que não seja Cristo, nem outra doutrina que não seja a do Evangelho. Com firmeza e destemor, rejeitando o comodismo dos instalados ou a ligeireza e a ambiguidade dos falsos profetas,

sem ódios ou desejos de vingança, continuaremos lutando pela instauração dum Reino de Verdade, de Justiça e de Amor. E este só à luz da Boa-Nova se tornará realidade, pois só Ela tem autêntica dinâmica «revolucionária», sem atropelo da dignidade alheia e no respeito dos mais profundos valores humanos. Saibamos nós todos ler a Mensagem d'Aquele cujo Natal vamos lembrar, tornando-A vida e acção sem sofismas ou reticências, numa linha de autenticidade e coerência que fará de todos os dias do ano um permanente NATAL.

Em nome de toda a Comunidade, endereçamos aos nossos Leitores os melhores votos de santo Natal e que cada um, na esfera da sua responsabilidade, contribua para reparar as injustiças próprias ou alheias e se proponha contribuir para um Mundo mais fraterno e digno.